

Ismael de Lima Coutinho

A filologia brasileira acaba de sofrer um rude golpe com o trágico desaparecimento do ilustre professor Ismael de Lima Coutinho, vitimado por acidente de automóvel, quando viajava em companhia de sua esposa, na cidade mineira de Pocos de Caldas.

Natural do município fluminense de Santo Antônio de Pádua, onde nasceu a 12 de Maio de 1900, Ismael Coutinho transferira-se, ainda moço, para a cidade de Niterói, capital do Estado do Rio de Janeiro, onde fez os seus estudos superiores, constituiu a sua família, já hoje numerosa, e onde desfrutava do maior apreço e estima, não só pela sua apreciável cultura, como também pelos admiráveis dotes de espírito e coração.

No Estado do Rio, ocupou cargos públicos de relevo, como Secretário de Educação e Cultura, Secretário do Prefeito de Niterói, Membro do Conselho Estadual de Educação, Catedrático do Português e Literatura do Liceu Nilo Peçanha e de latim da Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Federal do Estado do Rio e professor por concurso do Instituto de Educação do Estado da Guanabara.

Homem de gabinete, onde passava horas a fio a ler e a estudar, conquistou Ismael Coutinho, a despeito de sua profunda modéstia, o merecido renome de um dos mais acatados cultores da filologia no Brasil.

Sua riquíssima biblioteca, sempre actualizada, era uma das melhores na especialidade.

Podemos dizer que as suas grandes obras são os seus discípulos, muitos dos quais ocupam lugar de destaque na cultura e na política do país. Mas ainda teve tempo para escrever um grosso volume de gramática histórica da língua portuguesa, onde se pode apreciar a sua sólida cultura, sempre em dia com as últimas conquistas da ciência da linguagem.

Além de seus profundos conhecimentos de línguas clássicas, ainda conhecia perfeitamente o alemão, o inglês, o francês, o italiano e o espanhol.

Deixou numerosos artigos e conferências e também duas obras de grande merecimento: um tratado de fonética e morfologia do latim e um desenvolvido estudo sobre a produção poética de Terêncio.

Espírito meticoloso e exigente, o Prof. Lima Coutinho levava a corrigir e a melhorar constantemente esses seus trabalhos, seguindo assim, como ele próprio me dizia, e em bom latim, a prudente advertência de Horácio.

Esperamos que a sua estudiosa filha, Prof.^a Maria Teresa, que foi sua discípula e também sua assistente na Faculdade de Ciências e Letras, conclua a revisão dessas valiosas obras, enriquecendo assim o nosso património cultural e honrando a memória do seu grande Pai.

ARTUR TORRES

N. R. — Noutro local deste número da nossa revista publicamos um estudo póstumo do ilustre e chorado cientista,

Os Gramáticos Latinos

Por ISMAEL DE LIMA COUTINHO

Da Academia Brasileira de Filologia

(Póstumo)

«Unmittelbare beziehung auf die Sprache haben die Werke der lateinischen Nationalgrammatiker und Lexicographen». (Friedrich Stolz: *Geschichte der lateinischen Sprache*, Zweite Aufl., Göschen, p. 11, 1922).

Os estudos gramaticais tiveram início entre os Romanos, desde quando o filósofo estóico Crates de Malos, da escola de Pérgamo, foi enviado ao Senado de Roma como embaixador do rei Átalo (168 a.C.), e aí teve de permanecer por algum tempo, em consequência de um acidente que sofreu, fracturando uma das pernas. Para se entreter em alguma coisa, que lhe tornasse menos penosa a permanência forçada em casa, tomou a si a tarefa de fazer a mocidade romana interessar-se pelos assuntos filológicos. Foi ele, com efeito, quem, em palestras ou lições sobre a língua ou a literatura grega, despertou o entusiasmo dos jovens patrícios para esse género de estudos. Convém frisar, entretanto, que, mesmo antes de Crates, não eram esses assuntos inteiramente desconhecidos em Roma. Sabemos que o censor e cônsul Ápio Cláudio Cego, já no século III, a eles se consagrava, como se verifica das inovações ortográficas que lhe são atribuídas.

Os efeitos da acção exercida pelo filósofo estóico logo se fizeram sentir, o que se deduz do interesse que poetas como Ácio (170-90 a.C.) e Lucílio (180-102 a.C.) demonstraram pelas questões gramaticais, principalmente de ortografia. No número dos que sofreram essa influência, pode-se incluir também C. Octávio Lampádio (séc. III a.C.), editor de Névio, cujo poema *Bellum Punicum* dividiu em 7 livros.

Nas indagações linguísticas, era a etimologia que gozava da preferência dos estudiosos gregos. Nela também se iniciaram os romanos, que se mostraram discípulos fiéis de seus mestres de além-mar, limitando-se às vezes a repartir-lhes a opinião, sem nada acrescentar.

A velha contenda que dividiu os filósofos da Grécia em dois grupos, a saber, *analogistas* e *anomalistas*, transferiu-se para o solo itálico, onde encontrou igualmente partidários mais ou menos extremados. Como é sabido, os *analogistas* defendiam o princípio da regularidade dos factos linguísticos: os *anomalistas* batiam-se pelo princípio contrário, de que não havia regularidade nesses factos. Aquele teve em Júlio César (100-44 a.C.), autor da obra desaparecida — *De analogia*, o seu principal defensor; por este se empenhou Crates de Malos e Lúcio Élio Estilão Preconino. Nessa disputa também tomaram parte, mais tarde, Varrão e Plínio Se-

gundo, o qual compôs o tratado *Dubii sermonis libri III*, frequentemente citado pelos gramáticos posteriores.

Urge, entretanto, salientar que os Romanos não eram afeitos às allas investigações filológicas, como os Gregos. Os seus objectivos foram sempre modestos e práticos. Procuravam disciplinar a língua, para que se tornasse um instrumento de fácil manejo. Por isso, as questões de prosódia, ortografia e syntaxe tomam um largo espaço na obra de seus gramáticos.

Considera-se verdadeiro fundador da filologia latina a Lúcio Estilão Preconino (154-74 a.C.), que foi mestre de Cícero e de Varrão. Antes dele, era a gramática mero instrumento de investigações linguísticas a serviço do texto. Foi ele, em verdade, quem a tratou como ciência autónoma, com objecto formal próprio. Revelou-se ainda um erudito comentador de antigos documentos latinos em prosa e verso, como o *Carmen saliare*, a *Lex duodecim Tabularum* e as comédias de Plauto.

O interesse pelo estudo da língua latina cresce à proporção que o poder romano se dilata, o povo se civiliza e se enriquece a sua literatura. A partir do Império, o número dos gramáticos se avoluma e, nos últimos tempos, é considerável. Já ficou dito que não primavam pela originalidade. Não só se apropriavam das opiniões dos gramáticos gregos, mas também se repetiam uns aos outros frequentemente.

A primeira obra, consagrada inteiramente ao estudo do latim, entre os Romanos, deve-se a Marco Terêncio Varrão (116-27 a.C.) e intitua-se *De lingua latina*, em 25 livros, de que lamentavelmente nos restam apenas 5. Nela trata Varrão de etimologia, declinação, conjugação e syntaxe. Mas é mister assinalar que não é ainda uma gramática completa. A importância de Varrão está em que os exemplos citados são todos extraídos de antigos escritores, servindo assim de fonte para o conhecimento da história do latim. Muito versado em antiguidades romanas, fez Varrão bons comentários aos textos arcaicos e é, graças a ele, que sabemos quais as genuínas comédias de Plauto.

Contemporâneo de Varrão e seu émulo em erudição foi Nigídio Fígulo, autor de uns *Comentarii grammatici*, de que há somente fragmentos, citados por Aulo Gélio e Sérvio.

Sabe-se que Cícero (106-43 a.C.) não foi um gramático no sentido exacto da palavra, mas não se pode negar o seu empenho no estudo dos factos da língua latina. Em suas obras, principalmente no *Orator*, deparam-se-nos preciosas informações sobre assuntos gramaticais.

Na época de Augusto, aparece Vérrio Flaco, natural de Pre-neste, homem de grande erudição, a quem o imperador confiou a educação de seus dois netos. Compôs um *De orthographia*, que se perdeu, e uma grande enciclopédia, em ordem alfabética, intitulada *De Verborum Significatu*, em que reuniu um vasto material, que interessa ao direito, à política, à religião, à literatura e à língua. Dessa obra, que não chegou até nós, foram feitos dois resumos; um, em 20 livros, por Sexto Pompónio Festo, que viveu aí pelo século II;

outro, por Paulo Diácono, contemporâneo de Carlos Magno (séc. VI(1)).

O trabalho de Paulo Diácono, que chegou até nossos dias, nada mais é, por seu turno, que um simples resumo do de Festo.

Mais ou menos dessa época (séc. I), é também Ascónio Pediano, que fez comentários às orações de Cícero, em que procura elucidar a história e a cronologia de suas peças. Deles temos um fragmento.

Do tempo de Tibério e Cláudio, é Quinto Rémio Palemão, a quem se deve o primeiro tratado completo de gramática. Merece ele, pela sua dedicação aos estudos da língua, um lugar destacado na história da gramaticografia latina. Distribuiu as palavras em 4 declinações, fixou as regras para a correcta pronúncia dos vocábulos, de acordo com a tradição dos antigos poetas, reconheceu no locativo um sétimo caso, estabeleceu as normas para o *consecutio temporum* e classificou as conjugações segundo os modos verbais. Adepto das ideias de Dionísio Trácio e dos alexandrinos, que applicou aos estudos das flexões, e cuja terminologia seguiu, tornou-se independente na syntaxe. Embora dele nada nos reste, tal foi a influência de sua obra, que podemos rastreá-la nas citações de todos ou quase todos os gramáticos posteriores.

Sob o governo de Nero, floresceu M. Valério Probo, de Beirute, que publicou pouco, mas deixou muitas observações sobre a língua antiga. Fez edições comentadas de Virgílio, Horácio, Lucrécio, Terêncio e talvez Pérsio. Deste autor nada resta hoje, apenas referências ou citações feitas por Aulo Gélío, Carísio, Sérvio Pompónio e Donato.

Do fim do século I, é Quintiliano (35-95), natural da Península Ibérica, que escreveu um tratado de oratória, intitulado *Institutio oratoria*, em 12 livros. Esta obra é o fruto de suas observações pessoais, como professor de retórica em Roma, durante 20 anos. Encontramos nelas muitas informações sobre factos gramaticais, o que nos levou a incluir aqui o seu autor, embora não seja ele propriamente um gramático.

Da época de Trajano, são Vélio Longo e Flávio Cáper. O primeiro ocupou-se de questões de grafia, escrevendo o tratado *De orthographia*. Compôs o segundo, além de um trabalho acerca do do mesmo assunto, dois tratados que se intitulam, respectivamente, *De latinilate* ou *De lingua latina* e *De dubiis generibus*, de que largamente se serviram os gramáticos subsequentes, entre os quais Carísio e Prisciano.

Ainda do tempo de Trajano, é Lúcio Cesélio Vindex, que escreveu um léxico, em ordem alfabética, intitulado *Stromateus seu lectiones antiquae*, de que só restam fragmentos. Um resumo do seu tratado *De orthographia* aparece em Cassiodoro.

No governo de Adriano, surge Terêncio Escauro, adversário de Cesélio, que escreveu uma *Ars grammatica* e comentário sobre Plauto, Virgílio e Horácio. Dele só nos chegou o tratado *De orthographia*, que é importante para o conhecimento da pronúncia do latim. Parece haver-se inspirado em Varrão.

No século II, viveu Aulo Gélío, autor da conhecida obra *Noctes Atticae*, em 20 livros, que não é um trabalho gramatical, mas rico repositório de factos relacionados com a filosofia, o direito, a história, a literatura e a gramática. Foi escrita durante a sua permanência em Atenas e seus arredores, o que explica a escolha do título. Produto da vasta leitura de Gélío, assim dos escritores latinos como gregos, contém ela muitas citações de obras hoje inteiramente perdidas e que ficariam no esquecimento, não fosse o seu registro. Foi discípulo de C. Sulpício Apolinário, natural de Cartago, cujo parecer, em assuntos filológicos, cita em vários pontos de sua obra.

Sob o governo de Marco Aurélio, viveu Terenciano Mauro, que escreveu em versos *De litteris*, *De syllabis* e *De metris*. O primeiro desses trabalhos é particularmente interessante pela descrição minuciosa que faz dos fonemas latinos. Serve-lhe de fonte Cósio Bassos, em que se deve também ter inspirado Atilio Postunaciano em seu tratado de métrica sobre Horácio, que chegou até nós. Também é digno de menção, nessa época, Mário Plócio Cláudio Sacerdos, que compôs *Artes grammaticae*, em 3 livros, no último dos quais se ocupa da métrica.

Do século III, é o *Appendix Probi*. Trata-se de uma lista de palavras, em que, a par da forma errada, figura a correcta. Tem capital importância para o conhecimento do latim vulgar. Não faz registro de factos sintáticos. Foi escrito em Roma por um gramático anónimo.

É da primeira metade do século IV Nónio Marcelo, natural do norte da África, que compôs a obra intitulada *De compendiosa doctrina*, em 20 livros, dos quais os 12 primeiros tratam de assuntos gramaticais, os outros são dedicados a antiguidades romanas. Tem a forma de dicionário, e chegou-nos quase completa. É trabalho de muita utilidade pelo grande número de citações de antigos escritores e informações que nos ministra.

Do meado do século IV, é C. Mário Vitorino Afer, natural da África, como o próprio nome indica, e autor de uma *Ars grammatica*, em 4 livros, de que só o primeiro se ocupa de assuntos gramaticais; os restantes são consagrados à métrica. São também dessa mesma época Élio Donato e Carísio.

Foi Élio Donato o mais conhecido dos gramáticos latinos, na Idade Média. A sua fama era tal que Donato chegou a ser sinónimo de gramático. É autor de uma *Ars grammatica*, em que se inspiraram todos os tratadistas medievais. Compreende duas partes: a primeira, *Ars minor*, em perguntas e respostas, ocupa-se das várias classes de palavras; a segunda, *Ars maior*, mais completa, se subdivide em 3 livros, onde se estuda o som, a letra, a sílaba, os pés, os tons, a pontuação, as partes do discurso. A secção final é dedicada à estilística. Essa obra foi comentada por M. Sérvio Honorato, no século IV, por Cledónio e Consêncio no século V, e por Pompeu no século VI. Donato escreveu também comentários sobre Terêncio e Virgílio. Foi mestre de S. Jerónimo.

Flávio Sosípatro Carísio compôs uma *Ars grammatica*, em 5 livros, considerada uma das melhores compilações no género. Essa obra nos chegou quase completa.

À segunda metade do século IV, pertencem Diomedes, Marciano Capela e Sérvio. Escreveu Diomedes uma *Ars grammatica*, em 3 livros, em que se observam largos traços da influência de Valério Probo.

Marciano Capela, que era natural do norte da África, compôs uma alegoria, intitulada *De Nuptiis Mercurii et Philologiae*, em 9 livros. Narra as bodas de Mercúrio com a Filologia, tal como indica o título. É uma verdadeira enciclopédia, em que aparecem as sete artes liberais, que formavam o séquito do noivo, em cujo número incluía a Gramática. Cada uma se põe a falar de assuntos que lhe interessam, enquanto aguardam os preparativos para a cerimónia nupcial. Encontram-se aí muitas informações interessantes relativamente à língua. Sérvio foi um comentador e intérprete atilado das obras de Virgílio. Aparece nas *Saturnais* de Macróbio, ou melhor, Ambrósio Macróbio Teodósio, natural da África, que viveu igualmente nesse século, em cujas *Saturnais*, em 7 livros, se encontram referências frequentes a factos gramaticais. Escreveu também um tratado de verbos gregos e latinos, intitulado *De differentiis et societatibus Graeci Latiniq. verbi*.

No século V, viveu Consêncio, autor dos tratados *De nomine et verbo* e *De barbarismis et metaplasms*, que são particularmente importantes para o conhecimento do latim vulgar. Parece que se trata de excertos de uma gramática completa, que não chegou até nós. Igualmente do século V, são Cledónio, que foi professor em Constantinopla, e escreveu uma *Ars*, explanando a doutrina gramatical de Donato; e Pompeu, que escreveu sobre a obra do mesmo gramático um *Commentum artis Donati*.

No começo do século VI, aparece Prisciano, professor de gramática em Constantinopla, que viveu no tempo do imperador Anastácio. Escreveu *Institutiones grammaticae*, em 18 livros, obra notável pela soma de ensinamentos que encerra, embora nem sempre originaes. Os 16 primeiros livros versam sobre fonética, morfologia, formação de palavras; os dois últimos se ocupam de sintaxe. Para mostrar o interesse que essa obra despertou na Idade Média, basta dizer que se conhecem dela mais de 1000 manuscritos.

Desse mesmo século, é Cassiodoro, homem público de grande cultura, que versou, com proficiência, assuntos de história e de língua latina. Deixou-nos um tratado *De orthographia*.

Fechando a longa série de autores que se ocuparam do latim, é justo que se mencione S. Isidoro, bispo de Sevilha, que viveu 570 e 630, e o venerável Beda, que morreu em 735. Compôs Isidoro uma obra em 20 livros, sobre origens, intitulada *Etymologiae*, dos quais os 11 primeiros são dedicados a assuntos filológicos. Não obstante algumas falhas e erros que se notam nesse monumental trabalho, é ele digno da maior consideração dos estudiosos pelas magníficas informações que dá acerca de palavras, factos e coisas

da Península Ibérica. De menor importância é, sem dúvida, o seu *De differentiis verborum*, consagrado ao estudo da sinonímia, e em que segue as pegadas de Agrécio. Não são destituídas de interesse as informações que nos fornece acerca da pronúncia do latim da Hispânia, nessa época. Escreveu o Venerável Beda alguns trabalhos gramaticais, inspirados todos em gramáticos anteriores, principalmente em Donato, Carísio e Diomedes.

Dos gramáticos latinos deu-nos Keil uma excelente edição, em 7 volumes, intitulada *Grammatici Latini* (1857-1880).

Higino Funaioli coligiu fragmentos de gramática desde Ácio até Augusto, que publicou sob o título *Grammaticae Romanae fragmenta* (1907), de que somente apareceu o 1.º volume.

Como suplemento à compilação de Keil, reuniu Haag os trabalhos dos gramáticos medievais, que publicou nas *Anecdota Helvetica* (1870).

BIBLIOGRAFIA

SUETÓNIO — *De Grammaticis*.

KEIL — *Grammatici Latini*, 7 vols., Leipzig, 1857-1880.

H. J. ROSE, M. A., F. B. A. — *A Handbook of Latin Literature*, 2.ª edit., London, 1949.

W. M. LINDSAY — *The Latin Language*. Oxford, 1894.

JOHN EDWIN SANDYS — *A Companion to Latin Studies*, 3.ª edit., Cambridge, 1943.

MIDDLETON and MILLS — *Student's Companion to Latin Authors*, London, 1896.

ERNST KIECKERS — *Historische Lateinischen Grammatik, I Theil. Lautlehre*, München, 1930.

F. STOLZ — *Geschichte der Lateinischen Sprache*, Zweite Aufl., Göschen, Leipzig, 1922.

SCHANZ-HOSIUS — *Geschichte der Römischen Literatur*, 7 vols. München, 1907-1920.

W. S. TEUFFEL — *History of Roman Literature*, 2 vols. London, 1900.

A. GUDEMANN — *Ver Grammatik*, in *Real-Encyclopädie Klassischen Altertumswissenschaft*.

LAURAND — *Manuel des études Grecques et Latines*, 4 vols., Paris, 1937-1938.

NICOLA TERZAGHI — *Storia della Letteratura Latina*, 2 vols. Torino, 1944.

FRANCISCO DELLA CORTE — *La Filologia Latina delle Origine a Varrone*. Torino, 1937.

GINO FUNAIOLI — *Studi di Letteratura Antica*, 3 vols., Bologna, 1949.

CONCETTO MARCHESE — *Historia della Letteratura*, 8.ª ed., 2 vol. Milano, 1950.

WILHELM THOMSEU — *Historia de la Lingüística*. Ed. Labor. Barcelona, 1941.

WILHELM KROLL — *História de la Filologia Clásica*. Edit. Labor. Barcelona, 1945.